

FEMINISMO: DA PRÁTICA À TEORIA ATRAVÉS DE ANGÉLICA FREITAS

LETÍCIA GOMES E MELO¹; ANGÉLICA ROCHA DA VEIGA²;
DANIEL FURTADO SIMÕES DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – leticiagml98@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – angelica.rochadaveiga@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – danielfurtado62@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto *Teatro, Performance e Política*, tem como proposta principal a reflexão sobre performances artísticas que, partindo de um conceito ampliado de política, apresentam um olhar crítico e problematizador acerca de questões sociais, questionando discursos hegemônicos, estruturas de poder, violências e discriminações. Inicialmente, o trabalho buscou aprofundar-se em referências que tratam da dimensão política do teatro e suas relações com a performance, além de investigar produções teatrais disponíveis em plataformas digitais, devido à conjuntura de pandemia global, ocasionada pela COVID-19.

A partir desse processo de busca e estudo de referenciais, buscamos perceber o entrelaçamento entre o teatro e a performance. Josette Féral (2008) afirma que “se há uma arte que se beneficiou das aquisições da performance, é certamente o teatro, dado que ele adotou alguns dos elementos fundadores que abalaram o gênero”. O projeto investigou ainda, o surgimento e a presença de novos coletivos e grupos anteriormente excluídos ou ausentes da cena teatral, trazendo novos problemas e questionamentos para as performances.

Em novembro de 2020, após o desfecho do caso Mari Ferrer, o grupo realizou a sua primeira intervenção artística on-line, *Era uma vez um Brasil conservador*, uma vídeo performance baseada na obra da poeta brasileira Bell Puã, que foi veiculada durante o ato #nãoaoestupro. A repercussão positiva desse trabalho resultou na criação da série *3 poemas com o auxílio do Google*, que se baseou nos poemas de mesmo nome da escritora pelotense Angélica Freitas. A série é composta por 3 vídeos e traz reflexões sobre os pensamentos, desejos e ações que permeiam – ou não – o íntimo feminino.

Por entender que não seria possível discutir de maneira aprofundada tantos temas importantes paralelamente, como racismo, apagamento dos povos indígenas, homofobia, machismo, e, principalmente, pela experiência dos trabalhos realizados, decidiu-se por enveredar o estudo com foco na temática do feminismo. A partir da célebre frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” da filósofa Simone de Beauvoir (1967), buscamos entender o que é feminismo e suas lutas. Sobre isso, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (em *Sejamos todos feministas*), observa que quem faz a cultura são as pessoas, e não o contrário, e pontua que “Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (Adichie, 2014, p.57). Conceituando o feminismo, Carla Cristina Garcia (2011, p. 13) afirma que

O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim.

Essa tomada de consciência e busca pela transformação da sociedade, marcou as performances artísticas que construímos.

2. METODOLOGIA

No primeiro trabalho, *Era uma vez um Brasil conservador* - lançado no dia 8 de novembro de 2020, no canal do YouTube do projeto -, o processo de elaboração, desde a escolha do texto, gravação das imagens, edição, divulgação e postagem, se deu em apenas três dias. Três integrantes do grupo, Angélica da Veiga, Letícia Melo e Raissa Bandeira, participaram da performance, sob direção do coordenador do projeto, e o poema foi dividido em partes, recitadas pelas três, alternando as falas entre si. O fundo utilizado em todas as cenas era branco, as atrizes vestiam preto e um acessório vermelho.

Já a criação da série *3 poemas com o auxílio do Google*, durou aproximadamente quatro meses. As mesmas três integrantes, juntamente com o professor, iniciaram o processo de montagem com estudos preliminares dos poemas, experimentando diversas intenções e divisões nos versos. Em um segundo momento, se deu a captura das imagens - primeiro de forma mais intuitiva, e, posteriormente, de maneira intencional e pensada especificamente para dialogar visualmente com os versos. Após esse processo, as imagens foram selecionadas e editadas para, finalmente, se tornarem os três episódios. Os lançamentos ocorreram num período de três semanas, um a cada semana, nos dias 23 e 30 de abril, e 7 de maio de 2021 e essa última produção fomentou no grupo o desejo de aprofundar mais os conhecimentos sobre a teoria feminista.

O estudo se iniciou através do livro *Sejamos Todos Feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Baseado no discurso feito pela autora em uma conferência do TED, o livro – que é uma excelente ferramenta introdutória para o debate feminista – aborda o feminismo não apenas para as mulheres, mas para todos. É uma fala de quem realmente presencia uma situação durante toda a sua vida e resolve falar a respeito. O livro traz alguns conceitos, mas esse não é o foco; a autora centra o discurso em situações reais, preconceitos e problemas da sociedade ocidental – especificamente a nigeriana. Apesar de os pontos serem locais, a realidade retratada é global: a mulher é vista como inferior.

Após essa discussão, o estudo enveredou pela leitura do livro *Breve História do Feminismo*, de Carla Cristina Garcia. O livro consiste em uma síntese da trajetória do movimento feminista desde os primeiros momentos da história em que a opressão às mulheres começou a ser questionada. Nesse sentido, pôde-se perceber que a autora traça um panorama geral do desenvolvimento do movimento e, para tanto, passa pelas quatro ondas do feminismo, apresentando o contexto histórico e as reivindicações das mulheres em cada uma, além de conceitos e nomes importantes que contribuíram para a consolidação do pensamento de mudança do cenário de repressão do feminino.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira performance, *Era uma vez um Brasil conservador*, nasceu da inconformidade de uma das integrantes do grupo acerca do desenlace do caso Mari Ferrer - em outubro de 2020 veio a público um trecho de uma audiência onde o juiz responsável pelo caso absolveu o réu do crime, além de associar a sentença ao termo “estupro culposo”, gerando indignação e protestos. A partir desse impulso e após a descoberta de que haveriam atos em várias cidades,

denominados #nãoaoestupro, optou-se por participar da ação através da performance em vídeo, dado o contexto atual de distanciamento.

Essa indignação somada à satisfação pela reverberação do trabalho, resultou na criação da série *3 Poemas com o auxílio do Google*. Após a análise inicial, o grupo decidiu trabalhar nos vídeos com três cores básicas, branco, vermelho e preto, uma para cada poema.

No poema *a mulher pensa*, de acordo com o mestre em Estudos de Literatura Gabriel Hayashi (2015), os versos inicial e final apontam para a circularidade na qual a mulher está presa: restrita a pensar com o coração, emocionalmente – de modo contrário à racionalidade masculina. O papel de mãe se apresenta em vários versos, como na preocupação em “ser uma ‘supermãe’ perfeita”. Neste poema também está subentendido o discurso de que alguém (quem?) pode dizer o que a mulher pensa; e presa nesse círculo emocional, a ironia do poema não atinge força para uma proposta de emancipação, no entanto, essa linguagem mais “fraca” não deve ser misturada com aceitação. O poema ainda não propicia formas de romper com essas opressões, mas denuncia o sistema de dominação machista. No vídeo, a opção foi por imagens mais metafóricas e etéreas, e pela cor branca predominante nas imagens.

Hayashi (2015) também aponta que no poema *a mulher quer*, a vulnerabilidade, o desejo por um príncipe, a carência de atenção e a constante falta de amor destacam o tom irônico, por se assemelharem ao que é facilmente encontrado em revistas dirigidas ao público feminino; e os 27 versos do poema representam supostos desejos femininos – quase todos sob a perspectiva masculina - onde a mulher só existe uma vez que vive em função de um homem (um macho, um cavalheiro, um marido).

Nesse contexto de desejos detidos pela lógica masculina, a opção para impedir o sufocamento, descrita no verso final, é o desejo de suicídio. Esse poema, que se utiliza tão bem da ironia, não deixa de ser um lamento – pela omissão de desejos que não se relacionam a homens e dinheiro - e uma provocação, como se a única maneira de se libertar fosse a morte. Além disso, o falocentrismo e a heterossexualidade do discurso são conceitos que, claramente, estão postos. Segundo o poema, uma mulher não pode apropriar-se de espaços e papéis reservados, historicamente, aos homens; muito menos querer outra mulher, por exemplo. Neste vídeo, a cor vermelha se destaca e as imagens são mais concretas, ligadas ao trabalho doméstico e ao interior da casa.

O poema *a mulher vai* é o primeiro a aparecer no livro, contudo, por apresentar algo bastante diferente dos outros dois poemas anteriores, optou-se por deixá-lo por último - tanto na série quanto nesta análise. Sobre esse poema, Hayashi (2015) afirma que nos versos finais, ações de caráter subversivo, retratadas ironicamente na inversão das funções de gênero, começam a aparecer quando “a mulher vai pro trabalho e deixa o homem na cozinha” ou quando “a mulher vai embora e deixa uma penca de filhos”. Segundo ele, substituindo “mulher” por “homem” é possível encontrar as funções de volta aos lugares recorrentes.

Conforme se lê ao final do poema, “a mulher vai ganhar um lugar ao sol” e “a mulher vai poder dirigir no Afeganistão”. A primeira afirmação confronta, de maneira indireta, a ideia de que a mulher não possui esse lugar, possibilitando criação do mesmo, isto é, uma nova sociedade. O mesmo pensamento vale para o verso de encerramento: visto que a mulher não pode dirigir no Afeganistão, a frase se torna uma predição de tempos melhores ou, no mínimo, mais justos para homens e mulheres. As imagens escolhidas aqui, além de trazer *flashbacks* dos

vídeos anteriores, e terem a cor preta como principal, se relacionam com ambientes externos, especialmente no final.

4. CONCLUSÕES

Ao longo da elaboração dos 3 *Poemas com o auxílio do Google*, foi possível perceber que a maneira como é colocada a posição da mulher através de frases que trazem impressões, lugares-comuns, fatos e ideias pré-concebidas e aceitas pelo senso comum da sociedade, terminam por desestabilizar esse senso comum. Nesse trabalho, além de ter-se utilizado a obra de Angélica Freitas como ferramenta de estudo e criação do conteúdo performático, foram colocadas as próprias vivências e experiências femininas das atrizes. Desde o período de estudo do texto até a concretização do processo de gravação das imagens, as atrizes - dentro da pluralidade de pensamentos e das observações que nasceram dessa experiência - puderam refletir sobre o que poderia ser entendido como verdade, imposição, suposição ou mentira para cada uma, enfatizando nuances, contradições, paradoxos, e trazendo para as imagens o contraponto ao texto.

Carla Garcia afirma em seu livro que “se tivéssemos podido escutar as mulheres, se pudéssemos escutá-las hoje, homens e mulheres seríamos mais sábios e suspeitaríamos ante os relatos nos quais nenhum destes nomes [de mulheres pioneiras nas ciências e história] aparecem” (Garcia, p.112). Os estudos realizados proporcionaram ao grupo conhecer a história do movimento feminista e suas reivindicações, além de apresentar nomes importantes de mulheres que construíram os espaços que as mulheres ocupam hoje e, a partir dos trabalhos realizados, constatou-se a importância de se buscar referências femininas, que falem a respeito do feminismo – em todas as linguagens - e lutem pelos direitos das mulheres, já que a atividade teatral, além de dialogar com outros campos do fazer artístico, transita entre a sociologia, a história, a antropologia, a política e, cada vez mais, se apropria da técnica da performance em si.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ALVES, S. Julgamento de influencer Mariana Ferrer termina com tese inédita de ‘estupro culposo’ e advogado humilhando jovem. **The Intercept Brasil**. 3 de novembro de 2020. Disponível em <<https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>>. Acesso em: 20 de julho de 2021.
- DUARTE, M. **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Mel Duarte, 2019.
- FERÁL, J. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. **Sala Preta**, v. 8, p. 197-210, 28 nov. 2008.
- FREITAS, A. **Um útero é do tamanho de um punho**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.
- GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- HAYASHI, G. J. I. Acerca de “3 poemas com o auxílio do Google”, de Angélica Freitas. **Fórum de Leitura Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.91-112, 2015.